

PIBID: pelos voos do conhecimento, um constante aprender

PIBID: through the flights of knowledge, constant learning

Ana Betina Goetze¹

RESUMO: A águia e seu voo assemelham-se muito à profissão do professor. Ele precisa, assim como a primeira, ter um olhar atento e observador, saber mudar a altura de seus voos, refletir sobre suas atitudes e renovar-se para que possa motivar os alunos e fazer com que cada um com suas individualidades possa destacar-se em sala de aula. O presente artigo embasa-se nessa metáfora para trazer minha prática como estudante atuante no Ensino Médio pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), bem como expor minhas concepções sobre a mudança motivacional de alunos frente à postura docente. Para tal embasei-me em Rubem Alves, Pedro Demo, Paulo Freire, Fernando Becker, Tânia B. I. Marques e Edgar Morin.

Palavras-chave: Águia. Professor. Postura. Aluno. Motivação.

ABSTRACT: The eagle and its flight are very similar to the teaching profession. Teachers, like the eagle, need to have a close and attentive look, to know how to change the height of their flights, to reflect upon their attitudes and renew themselves to motivate their students and make each individual student stand out in the classroom. The present article is supported by this metaphor in the discussion of my practice as a student teacher working in high school through the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (PIBID), and my conceptions regarding changes of motivation in students vis-à-vis educators' attitudes. The authors used to support this article are Rubem Alves, Pedro Demo, Paulo Freire, Fernando Becker, Tânia B. I. Marques and Edgar Morin.

Keywords: Eagle. Teacher. Attitude. Student. Motivation.

1 INTRODUÇÃO

Coragem. Esta é a palavra que resume a profissão de professor. Coragem para levantar cedo de manhã e enfrentar turmas enormes, alunos, muitas vezes, desmotivados e distâncias longas. Elaborar um planejamento diferenciado que, por vezes, pode não dar certo. Trabalhar tão bem um assunto, que sirva não somente para a prova dos alunos, mas que traga significados que permaneçam pela vida. Enfrentar comentários maldosos sobre a profissão. E, como muitos diriam, tudo isso por um salário miserável.

Esses são os primeiros comentários que se ouviu quando entramos na área da docência, não porque seja só essa a realidade vivida, mas serve como um alerta: "Cuidado! Você não sabe onde está se metendo". Talvez

seja por isso que há tanta falta de professores no Brasil. As pessoas não descobriram ainda como essas águias voam e o quanto é gratificante conseguir pegar a presa (o aluno) no resplandecer de um pôr do sol, trazendo-a de volta para o recomeço. O aluno, ao contrário da presa da águia, liberta-se pela contribuição dos conhecimentos que o professor medeia e de muitos outros que eles constroem em conjunto.

Refiro-me à águia porque acredito que cada professor é um pássaro, que pode alçar um voo, mas é ele quem escolhe como quer que o mesmo seja. Podem-se escolher voos tristes, desmotivados, obrigatórios. Ou pode-se escolher voar como uma águia, com coragem, resistência e vivacidade, enxergando além do que só os olhos dizem.

¹ Estudante do Curso de Letras Português/Alemão pelo Instituto Superior de Educação Ivoti, professora de Curso Integral no Instituto de Educação Ivoti e professora na Escola Estadual de Educação Básica Professor Mathias Schütz pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: ana.betina.goetze@hotmail.com – Currículo Lattes: <http://Lattes.cnpq.br/5849656203101011>.

Partindo dessa metáfora, relatarei no presente artigo um de meus primeiros voos enquanto águia, motivada por um projeto implantado no corrente ano no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). Refiro-me ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), patrocinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e criado pelo Ministério da Educação (MEC). Esse é subdividido na instituição em quatro áreas distintas. Dessas faço parte do subprojeto da Língua Portuguesa.

São realizadas semanalmente reuniões de orientação no prédio do ISEI, nas quais discutimos o andamento de nossas aulas, realizamos dinâmicas sobre diversos temas, como ideias para as nossas aulas, e elaboramos em duplas ou em trios os planos para as aulas seguintes. Eu e mais uma colega atuamos na única escola pública de Ensino Médio do município e proximidades com uma turma de 1º ano. O grupo é constituído por 28 alunos de classe média baixa. Nós damos aula no período de Seminário Integrado. Com isso nosso objetivo nessa disciplina é, além de auxiliar os alunos com a construção de um projeto, trabalhar estruturas textuais, interpretação, argumentação, imaginação/criatividade, ortografia e postura de apresentação.

O trabalho com adolescentes é sempre um processo de descoberta e redescoberta muito grande, porque eles estão em constante mudança e em cada aula a gente vê uma forma diferente, mantendo somente aqueles traços realmente deles. A partir das observações e das primeiras aulas percebi, além de características da produção dos alunos, alguns educandos desmotivados e que simplesmente se recusavam a fazer as tarefas. Porém, com o passar do tempo, notei que eles começaram a participar da aula e hoje têm bons resultados em suas produções. Perguntei-me então: O que faz com que alunos inicialmente desmotivados comecem a realizar as atividades propostas?

A partir dessa pergunta, analisei meu diário de bordo, no qual tenho anotado meus planejamentos e relatos das aulas com uma conotação mais pessoal de exposição de sentimentos, ideias, dúvidas e colocações dos alunos e comecei a perceber que eu e minha colega tínhamos um diferencial para com esses educandos. Nós trabalhamos com eles com planejamentos criativos, que possuem atividades diversificadas e partem de uma metodologia voltada diretamente para o aluno; também temos um olhar diferenciado para com cada discente, tratamo-los não com imposição, procuramos conquistá-los com amor; descobrimos a cada reflexão como melhorar e como tornar as aulas ainda mais instigantes

aos alunos, pensando no rosto de cada adolescente para elaborar um planejamento criativo.

Justamente essas hipóteses que construí como resposta à pergunta que me fiz durante o meu voo exporei a seguir.

2 O PLANEJAR DO VOO

Antes de começar a voar, o professor precisa planejar seu voo. Precisa listar ideias, estabelecer metas, perceber do que o aluno precisa e como ele aprende, enfim, precisa trabalhar “duro”. Esse trabalho constitui-se da prática, das vivências de cada um, e da teoria, conhecimentos pesquisados e adquiridos pela pessoa.

É extremamente difícil separar a prática (aulas dadas) da teoria (planejamento e leituras). Um bom professor é justamente aquele que sabe trabalhar com ambos os momentos integradamente, porque, além de seguir dicas, buscar novas ideias e utilizar metodologias diferenciadas, olha para o aluno em todo o seu potencial. Ele pensa não só no que a escola exige em seus planos de estudo, mas também, e principalmente, naquilo que faz os olhos dos educandos brilharem. Procurei, então, não distinguir os momentos, mas separá-los em sua descrição e uni-los em minha prática.

2.1 RENOVAÇÃO DO EDUCADOR

A águia é um animal muito peculiar. Ela é observadora, certa em seus atos, corajosa, mas para isso também precisa sacrificar-se em um tempo de sua vida para se renovar e poder continuar seu trajeto. Assim o educador também precisa de um tempo para renovar-se e pensar em novas estratégias de trabalho com os educandos.

Para que isso seja possível, porém, o professor deve inicialmente levar em conta dois itens: primeiro, precisa ser um pesquisador e, depois, precisa olhar a forma como ele próprio aprende. Pedro Demo (2012, p. 61) já constatou isso quando disse: “Aluno aprende bem com professor que aprende bem”. Tudo isso é um trabalho árduo, mas repleto de aprendizagens.

Quando esse profissional se acomoda para pensar nas atividades que fará com seus alunos no próximo encontro, muitas ideias e concepções lhe passam pela cabeça. Se está iniciando com a turma, pergunta-se por onde pode começar a ensinar o conteúdo e como fará para que obtenha o resultado esperado o mais rápido possível. Se já está em andamento com a classe, procura meios de trabalhar para que os alunos alcancem um bom resultado final. Mas essa tarefa é muito difícil. Há

momentos em que parece que não há mais o que ser feito. Justamente nesses instantes, quando ele se sente incomodado com a situação, ele precisa aprender a pesquisar.

A renovação dos conhecimentos, ideias e ideais do docente começa pela pesquisa. Ele não deve ter vergonha disso, porque, como diz Becker (2010, p. 13), “[...] tanto professor quanto aluno deve ser compreendido como [...] sujeito que constrói conhecimento” e “em nenhum domínio o conhecimento-conteúdo está pronto, acabado” (BECKER, 2010, p. 14). Ele deve justamente usar esse pretexto para melhorar sempre mais.

O professor que pesquisa é aquele que sabe que ensinar não é passar conteúdos, sabe fazer com que o aluno queira conhecer esse conteúdo e o aprenda de uma forma tão gostosa, que, por mais difícil que seja a matéria, torne-se prazerosa e seja internalizada por ele e, acima de tudo, é aquele que consegue aprender junto com seus discentes.

Pesquisar aqui não significa somente procurar atividades para realizar sobre determinados temas, significa muito mais pensar em metodologias diversificadas, pensadas por meio da observação de seus alunos e da forma deles de aprender. Becker (2010, p. 14) já diz: “Para ensinar, ele precisa aprender seu aluno” e é complementado por Freire (2011, p. 25), que diz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”. Precisa aprender o modo daquele jovem de pensar, o contexto em que vive e perceber o que ele está sentindo, porque aquele aluno que não está bem com alguma coisa externa à sala de aula dificilmente será um educando que produz dentro dessa.

Esse é o primeiro passo importante de um professor-pesquisador: observar seu aluno e sentir quando algo não está bem. Esse trabalho é ainda mais árduo quando se está com adolescentes, devido à sua grande oscilação de humor e de pensamentos, bem como suas dúvidas, incertezas e mudanças. Nenhum dia trabalhando com eles é igual, nem mesmo semelhante.

Em minha prática, sentia-me frustrada quando as atividades não davam certo, mas com o tempo fui percebendo que isso acontecia por motivos externos à minha vontade ou até mesmo à vontade dos estudantes. Às vezes, as coisas simplesmente não estavam bem. Foi aí também que notei o quanto é importante olhar para o fundo dos olhos de cada um dos alunos e mostrar através de gestos ou da fala que eu, enquanto professora, também me preocupo com eles. O olhar que recebia de volta nem um soneto seria capaz de descrever. Olhares que dizem:

“Ela percebeu que eu estou aqui. Ela está vendo que algo está acontecendo comigo”.

Daí por diante, cada vez que sentava para planejar meu voo seguinte, lembrava dos rostos confusos, mas brilhantes, e estimulava-me a pensar em atividades que atingissem cada aluno com a sua especialidade. Para tal, porém, é necessário que me autoquestione: como se dá o voo da aprendizagem de um aluno?

O voo do ser humano, em geral, possibilita a aprendizagem pelos sentidos de seu corpo, pela visão, audição, paladar, tato, olfato e também, no meu ponto de vista, pelo coração. Refiro-me ao coração, porque quando um aluno se sente amado, tende a estar mais “aberto” para a aprendizagem e para expor suas ideias e pensamentos e para aprender algo com o outro. Rubem Alves (2012, p. 67) já dizia: “[...] frequentemente se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que a ensina”.

Meus alunos, por exemplo, percebem que não compararei seus textos com os de outros jovens, não os exporei perante a turma e muito menos ressaltarei suas dificuldades. Ressaltarei suas qualidades, compará-los-ei somente consigo mesmos e os auxiliarei a tornarem-se cada vez melhores. Eles também sabem que quando não se sentem bem, podem conversar comigo, compreendê-los-ei e tentarei da melhor forma ajudá-los em sala de aula.

Os voos da aprendizagem dos discentes partem desse mesmo pressuposto, mas ocorrem de forma mais concreta: pela visualização de imagens, formas de organização diferenciadas de textos e cores diferentes; pela escrita dos conteúdos e ideias; pela leitura e interpretação de textos; pela explicação do professor e dos colegas, bem como pela discussão dos assuntos; ou por mais de uma dessas formas de aprendizagem. O aluno, porém, não sabe como ele aprende melhor; por isso precisa ser estimulado de todas as formas para que aos poucos possa descobrir isso.

O planejamento deve contemplar as formas de aprender de cada discente, e os momentos da aula devem ser diversificados, “isso os motiva mais” (relato pessoal do dia 13/05). O professor precisa saber e entender o que e como o seu aluno desenvolve o seu pensamento, pois dessa forma vai atraí-lo para a aula, e as tarefas pensadas alcançarão seu real sentido.

Para que isso seja possível, deve-se também pensar em cada detalhe. Cada passo da atividade é importante para uma boa preparação para a aula, pois o docente deve estar seguro do que fará para passar confiança e segurança aos discentes durante sua atuação. Além disso,

muitas vezes, é possível que esses “descuidos” gerem lacunas no aprendizado daquela matéria.

Isso também faz com que o educador se dê conta de que, por mais fácil que aquele conteúdo parece ser, para o aluno pode não ser assim. Eu já dizia em meu relatório do dia 06 de maio: “Não posso partir do pressuposto de que os alunos sabem as coisas, muitas vezes eles não sabem e precisamos ajudá-los”. Nós muitas vezes também não sabemos tudo, então “[...] se nós não sabemos, por que eles têm de saber?” (ALVES, 2012, p.69). Isso também se aplica às atividades. Não podemos partir do pressuposto de que o aluno sabe o que queremos que ele faça e muito menos que a nossa explicação foi clara. É necessário que exemplifiquemos o que queremos.

Em certa aula, por exemplo, encaminhei uma proposta da montagem de um questionário sobre redes sociais, mas não exemplifiquei o que queria, principalmente por ser final de aula. Observei, então, algumas produções e percebi que a minha proposta não tinha sido bem compreendida. Precisei pensar em um momento da próxima aula em que eu expusesse um exemplo do que queria que eles fizessem, discutisse o mesmo com eles e só depois pedisse que realizassem a tarefa. Ao fazê-lo, os resultados foram excelentes. Refleti, então, em meu relatório: “Os alunos precisam ser ensinados e não só cobrados”.

O educador em si também “[...] precisa conhecer se o que propõe para seus alunos é realmente significativo para eles” (KEBACH, 2010, p. 48). Digo isso, pois todo aquele conhecimento que de alguma forma torna-se importante para o aluno é assimilado, caso contrário é descartado pelo cérebro. Esse órgão não é capaz de assimilar tudo aquilo que aprende durante o dia. Alves (2012, p. 72) já compartilhava dessa ideia e trazia que a memória inteligente esquece tudo aquilo que é menos relevante.

Tendo terminado, assim, o planejamento, ter traçado uma linha de trabalho e saber aonde se quer chegar com a aula, é importante que o professor transponha-se no papel do aluno, como já disse anteriormente, e se pergunte: “Como eu reagiria a essa aula? Eu compreenderia as tarefas e sentir-me-ia motivado a fazê-las?”. Se a resposta for afirmativa, dar-se-á um voo certo, e o educador poderá ir tranquilo dar a sua aula. Tem plena certeza de que fez sua parte, até porque em sala saberá auxiliar muito melhor seu educando, sabendo pôr-se naquele papel e sabendo como a cabeça do aluno está funcionando. Caso contrário, precisa reformular aquilo que incomoda, dificulta ou o desmotiva. Afinal, se ele

mesmo não se sente instigado com a proposta, por que o aluno deveria sentir-se?

2.2 CONSTRUINDO A METODOLOGIA

Além desse período de renovação, há também outro momento de preparação da águia: a construção do ninho para ela mesma nesse período ou para seus futuros filhotes. Esse instante também é de suma importância, pois serve como base para outros acontecimentos importantes na vida desse pássaro. Desempenham também esse papel as metodologias de trabalho que usamos. Elas embasam tanto o nosso planejamento como as nossas aulas.

É a partir da escolha de nossos métodos em sala de aula que traçamos o nosso perfil como professor e também determinamos o tipo de aula que teremos. Eu sempre tive muito presente para mim que não queria aulas banais e muito menos que simplesmente transmitissem o conhecimento aos alunos. Acredito muito na frase de Kebach (2010, p. 49), que diz: “O aluno deve sempre ser ativo em sala de aula”, pois ele é um ser completamente composto de conhecimentos e vivências que associa com o que é trabalhado e pode, por isso, enriquecer ainda mais cada momento e também porque a aprendizagem significativa é aquela que se dá através da experiência.

A pergunta inicial, então, era novamente: como? Foi a partir desse questionamento e das minhas experiências e leitura que percebi que os instantes mais ricos na vida de um aluno são aqueles em que ele pode perguntar. Enquanto pessoa, sentimo-nos muitas vezes incomodados, pois gostaríamos de esclarecer dúvidas e descobrir coisas diferentes, mas não temos espaço para isso. Com o tempo, essa ânsia por conhecimento vai sendo aprisionada, e tornamo-nos simplesmente seres humanos passivos, mas filhotes de águias não podem ser passivos.

As águias, ou seja, nós professores, não podemos deixar que o aluno perca essa ânsia de aprender, que é sufocada pela sociedade. Nosso papel é justamente aquele de auxiliá-los a voltar com os vários questionamentos, que na infância eram tão comuns, para que possam construir seus próprios conhecimentos. Demo (2012, p. 72) já diz: “Na sociedade intensiva do conhecimento, o que mais importa é a produção própria de conhecimento”.

A curiosidade é o que nos move nesse sentido, e ela deve ser instigada o tempo todo em sala de aula. O educador deve instigar os educandos a perguntar, ainda mais que ele sabe que “toda investigação começa com

uma pergunta” (COLLARES, 2010, p. 79) e através dessa que as pequenas águias aprenderão ainda mais. Por vezes, os docentes têm medo da situação em que esse questionamento pode colocá-los, mas é preciso coragem para, como a águia, empurrar nossos “filhotes” para o precipício para que descubram suas asas e aprendam a voar sozinhos. Ninguém sabe tudo, ninguém precisa saber tudo, todos estamos em frequente processo de aprendizagem; “professor é também e fundamentalmente profissional do estudo, aprendendo a estudar pela vida fora sempre” (DEMO, 2012, p. 67).

Além disso, quando o discente sente-se à vontade para perguntar, começa a expor seus medos e dificuldades e começa também a lidar com eles. Aquele ser humano que guarda tudo para si dificilmente conseguirá aproveitar o que está sendo trabalhado integralmente. Ele não tem espaço para isso em sua mente. O professor deve tentar ajudar esse aluno em sua aula, mas sem intervir diretamente na vida dele para que não se confundam os papéis de mestre e de colega, bem como os de defensor e influenciador.

Portanto o papel do professor atualmente “não é mais dar aula, é cuidar que o aluno aprenda [...] com autoria e autonomia” (DEMO, 2012, p. 84-85). Quando o aluno não aprende a ser autônomo e a buscar conhecimento, dificilmente conseguirá fazer bons textos e boas atividades; tudo será feito de modo superficial, e a educação não fará mais sentido. Não precisamos de máquinas, que agem de modo repetitivo na sociedade; precisamos de seres que pensem e ajudem a melhorá-la.

Tudo isso já começa em sala de aula quando, como já disse, o educador observa o aluno e pensa em um planejamento voltado a ele. Isso motiva o discente e o docente, que buscarão cada vez mais ideias diferenciadas de trabalho e novas estratégias. Nem sempre essa é uma tarefa fácil, mas “se queremos algo de nossos alunos, precisamos ensiná-los a fazer, a querer e a dar o melhor de si, querendo, fazendo e dando o melhor de nós mesmos” (relato pessoal do dia 17 de agosto). O próprio Freire (2011, p. 89-90) já dizia: “O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força mental para coordenar as atividades de sua classe”.

Além disso, tarefas diferentes levam a resultados diferenciados. Um exemplo muito claro disso foi a tarefa que fizemos no dia 23 de setembro com os alunos. Premiamo-los com o 1º lugar em algum item dos textos redigidos, indiferente se referente ao conteúdo ou à gramática. Para tal vestimo-nos formalmente e entregamos medalhas de chocolate, simulando uma real cerimônia

de premiação. Era possível ver os olhares espantados, mas orgulhosos e felizes de muitos dos alunos. Assim que todos foram premiados, entregamos “vale medalhas” para aqueles que não tinham feito a produção textual por uma razão ou outra. Ao terminar o encaminhamento da tarefa seguinte, um dos alunos que se encaixava nessa última categoria relatada chamou-me até sua classe para mostrar o início de sua produção textual. Ele sentiu-se motivado a mostrar resultado, também queria ser reconhecido em suas boas características, também queria ser parabenizado, percebia-se isso em seu olhar.

Outro exemplo nítido foi a produção textual feita a partir do conto de terror “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe. Eu e minhas colegas (na época ainda atuávamos em três pessoas) contamos esse conto utilizando fantasias e tons de voz diferenciados em uma sala mais escura. Isso despertou sensações diferenciadas em cada educando e trouxe a eles mais ideias e vontade de produzir. Essa foi a primeira aula em que todos os alunos produziram de verdade. Anteriormente, alguns se opunham a realizar as tarefas propostas.

São tarefas como essas, simples, mas diferenciadas, que motivam os alunos. Desde o início, isso estava muito presente para nós, e procuramos meios de fazer com que todos os alunos se sentissem parte integral desse nosso trabalho e também pudessem mostrar o que sabem fazer. Utilizo frequentemente como reflexão a pergunta feita por Freire (2011, p. 32): “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais dos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” Colocamos em cada planejamento um pouco mais de nós mesmos, do amor que sentimos pelos educandos e deles próprios. Isso trouxe para nossas aulas um caráter muito mais íntimo para com os alunos e muito mais criativo, o que também fez com que as mesmas fossem muito mais produtivas. Demo (2012, p. 58) já afirmava: “O maior desperdício da aula é [...] aula sem autoria do professor e, conseqüentemente, do aluno”.

Quando se lida com pessoas, temos que realmente olhar para elas, ver que os olhos brilham de desejo, vontade, animação e fazer com elas a diferença. Isso aparece com frequência em meus relatos, principalmente em trechos como: “O que é mais fantástico é entrar em sala de aula para atuar e se deparar com olhos brilhantes” (relato do dia 20/05) ou *Estamos começando a atingir mais fundo os nossos alunos, e eles estão começando a nos dar uma resposta* (relato do dia 24/06).

3 VOOS DENTRO DA SALA DE AULA

Depois de renovada, a águia já está pronta para bater novamente as asas e fazer novas tentativas de voo e de caça. É necessário que ela esteja sempre alerta, tome decisões difíceis, olhe atentamente, observe através de um voo rasante seu objetivo e depois se lance com precisão sobre o mesmo.

A águia-professor deve ter esse mesmo olhar atento, profundo e extremamente observador sobre seus “filhotes”. “O início do pensamento se encontra nos olhos que têm a capacidade de se assombrar com o que veem” (ALVES, 2012, p. 79). Por isso ressalto a relevância de se ter o olhar sensível, o olhar afetivo, o olhar reflexivo, o olhar reprensivo, o olhar profundo.

Todos esses olhares são empregados na prática, naqueles momentos em que colocamos toda a teoria estudada e todos os planos feitos em prática. Relatarei a seguir, então, sobre essa capacidade incrível de observação que um educador desenvolve, bem como o olhar reflexivo sobre tudo aquilo que aconteceu em sua prática e o olhar afetivo para com os discentes.

3.1 O OLHAR OBSERVADOR E ATENTO DA ÁGUA

A águia mantém seu olhar sempre atento e concentrado para que saiba a hora certa de agir e também não seja pega desprevenida. Por isso também varia a altura de seus voos entre altos e rasantes. Dessa forma, o professor também deve ter o olhar atento durante sua prática tanto para com os alunos como para com seu planejamento. Ele também deve variar a altura dos voos não por não poder analisar de uma só perspectiva, mas porque algumas situações precisam de um olhar mais minucioso e outras precisam ser vistas quase que de fora da situação para envolver o mínimo possível do sentimento do docente.

Os voos rasantes são aqueles bem próximos dos discentes, dos quais já falei várias vezes durante o presente artigo. O olhar para o aluno, porém, não deve enxergar suas fraquezas, mas sim enxergar sua potencialidade e cobrá-lo para que se supere dentro dessas capacidades caso contrário, ele manter-se-á puramente no necessário. Rubem Alves reflete em seu livro também sobre o assunto, fazendo menções de que a inteligência só é superada em seu estado básico quando instigada, e isso faz com que a mesma possa realizar coisas incríveis.

Perceber essas características em um aluno, principalmente naquele inicialmente desmotivado, pode ser uma tarefa muito difícil se o professor não se permitir

essa proximidade. O jovem não vai expor-se frente a um desconhecido, ele só vai mostrar quem é de verdade quando perceber que pode confiar e que a outra pessoa se importa com ele e provavelmente será de formas bem indiretas. Pode ser por meio de brincadeiras, frases ditas talvez nem sobre o conteúdo trabalhado, associações feitas, produções textuais ou até mesmo atividades e conversas paralelas. Em nenhum momento digo que esses últimos itens devem ser totalmente permitidos em sala de aula; digo somente que quando ocorrerem devem ser bem aproveitados.

Nesses singelos instantes que o educador conseguirá perceber itens extremamente relevantes para o seu planejamento e suas reflexões, até porque ao mesmo tempo em que mostram as potencialidades, mostram também a personalidade, os problemas e as dificuldades que o aluno possa estar passando. O último item será mais especificado, porém no capítulo seguinte.

Quando o profissional da educação tem em mãos esse riquíssimo material, poderá olhar para a sua disciplina e refletir formas de interligar os pontos fortes de cada aluno com o conteúdo e poderá atingi-lo e ganhar sua simpatia, bem como aos poucos poderá trabalhar suas dificuldades sem torná-las um “bicho de sete cabeças” para o aprendiz.

Tive vários exemplos nítidos em sala de aula, mas me deterei ao caso do aluno A pela mudança drástica de teve desde o início do ano até agora. Utilizarei, porém, o verbo “estar” toda vez que me referir ao comportamento do aluno. Fi-lo-ei propositalmente, pois as atitudes do aluno não mostrarão, nesse caso, a forma como ele era (verbo “ser”) e sim como ele estava se portando perante aquela situação. Paulo Freire (2011, p. 74) já trazia essa concepção: “O mundo não é. O mundo está sendo”.

O aluno A na primeira aula estava sonolento, desmotivado, preguiçoso, disperso e recusava-se a fazer qualquer tarefa solicitada. Tanto eu como minha colega procuramos conversar com ele, mas em nenhum momento repreendemo-lo de forma autoritária e não impomos que precisava fazer a tarefa. Simplesmente o observamos.

Na aula seguinte, a situação não foi muito diferente, mas novamente voamos rasantemente sobre o jovem e procuramos puxar alguns assuntos, descobrir algo sobre ele, e as informações ali colhidas foram as mais relevantes para o trabalho com ele. Descobrimos, por exemplo, sua paixão por desenho e seu sonho em tornar-se caminhoneiro e que achava desnecessário para a profissão o que aprendia na escola.

A partir disso, bolamos estratégias de trabalho com esse discente. Primeiramente, procuramos atingi-lo pela fala, não por meio de discursos reflexivos, mas por pequenos “toques”, interligando seus gostos e atividade. Por exemplo: “Escrever é como desenhar, você precisa imaginar o que está acontecendo e reproduzir. A diferença é que a escrita é uma sequência de desenhos”. Ali vi que o aluno A começava a refletir, mas ainda não produzia.

Com o passar das aulas, percebi que ele começava a se interessar um pouco mais, prestando atenção no que estava sendo feito, mas sem envolver-se com as propostas. Pensei nisso como um progresso. Em uma das aulas seguintes, propusemos a escrita de um texto criativo sobre redes sociais, e o aluno A não produziu nada, apesar de conversas e tentativas de incentivo.

Foi desanimador perceber a falta de progressos que exercíamos com o discente. Quando peguei seu texto para corrigir, porém, pensei: “Talvez não acreditem mais nele por ter essas atitudes em sala de aula e eu deixar de acreditar nele pode ser ainda pior. Quero mostrar para ele que acredito em seu potencial”. Eu, então, converti aquela situação negativa para um elogio à sua capacidade e a seu sonho profissional. Coloquei que sabia que ele era um jovem extremamente capaz e inteligente e que tinha plenas capacidades de realizar seus sonhos. Fi-lo refletir, porém, que poderia ser um caminhoneiro melhor do que os outros, que poderia destacar-se em sua profissão, bastava querer e essas atividades poderiam auxiliá-lo a ser mais inteligente, capaz, organizado, entre outros itens. Questionei-o, por fim, se sua vontade não era destacar-se em sua profissão e ser procurado para empregos melhores em sua área justamente por causa disso. E, por tudo isso, exigi mais produção dele nos próximos trabalhos.

Ao devolver o texto, percebi seu choque ao não ver uma nota negativa escrita e nem uma repreensão frente a seus colegas. Assustado, o educando foi ler o que havia sido escrito e ficou assimilando as ideias. Na próxima aula, porém, comeci a perceber a sua mudança. Mostrava-se mais interessado e começava aos poucos a fazer as tarefas. Quando ouvi pela primeira vez a voz do aluno A colocando sua opinião, fiquei realmente emocionada. Cheguei a colocar em meu relatório: “Ouvir a voz dele é quase como ouvir um foguete de festivo”.

A partir daquele simples texto que custou somente alguns minutos a mais do meu tempo de correção, resgatei um aluno para a minha aula. Não posso dizer que é o aluno sonhado, está longe disso, mas o progresso

dele foi muito maior do que aquele “perfeito” poderia ter feito. Com isso ele está se permitindo trabalhar o que tem dificuldade e aos poucos está se tornando mais ativo na aula.

O que fez a diferença para esse aluno? A percepção do meu olhar de águia que lhe lancei. Trago em meu relatório do dia 12 de agosto o que certamente ressalto agora ainda: “O quanto às vezes é importante o professor dar um incentivo/um elogio para esses alunos ‘dificéis’. Eles estão tão habituados a ser repreendidos, que mais uma repreensão não faz diferença, agora receber um elogio os motiva a fazer muito mais”. É isso que faz a diferença para o aluno: a forma como se olha para ele.

Essa tarefa não é de forma alguma fácil. Rubem Alves (2012, p. 23) já dizia: “O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido”. Eu mesma antes de entrar em sala de aula tinha muita dificuldade em enxergar as coisas além do que meus olhos mostravam, mas a prática com o ser humano faz perceber que por trás do que a aparência mostra existe muito mais, muito mais amor, verdade e capacidade.

3.2 ANÁLISE E REFLEXÃO

Antes de atacar a presa, a águia, como já disse, observa-a. Analisa a maneira certa e a melhor forma de atacar o alvo. Espera. É paciente. Pensa e repensa para que seu bote seja certo. Esse também é o momento de reflexão do professor. Ele analisa criticamente suas experiências anteriores e reflete como prosseguirá seu trabalho com os alunos, como os atacará da próxima vez. Freire (2011, p. 40) já dizia: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Muitas vezes, esse é um trabalho dolorido. Exige coragem de sair do comodismo para que os resultados tenham possibilidade de aparecer.

Para isso é necessário sentir. É impossível trabalhar com pessoas e não se sentir atingido de alguma forma, e é isso que nos faz refletir. O professor está, às vezes, tão centrado em passar seu conteúdo da forma como planejou, que se esquece de permitir-se sentir e acaba saturando-se em algum momento. Isso, porém, só o maltrata e acaba não auxiliando no seu crescimento e no melhor rendimento da aula. Nenhuma pessoa motiva-se a mudar sem se sentir incomodada primeiro. O educador precisa permitir-se sentir, sentir amor, dor, alegria, tristeza, tédio, raiva, realização, tudo. Isso o tornará melhor no que faz e só assim estará cumprindo sua real função: ensinando e aprendendo conjuntamente, porque como dizia Demo (2012, p. 63): “[...] escola é lugar de aprendizagem docente e discente”. Freire (2011,

p. 94) complementa a ideia trazendo que “[...] não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco”.

O professor não deve expor tudo o que sente e pensa em sala de aula, porque suas atitudes refletem diretamente sobre o aluno e pode fazer com que ele também tenha dificuldade de se portar nas aulas. Após a aula, isso deve, porém, ser feito.

A partir do momento em que o docente sente, ele olha para aula e a avalia. Se sente alegria, percebe o que aconteceu de bom e pode-se repetir em algum momento. Se sente raiva, questiona-se o porquê dessa e procura uma resposta. Becker (2010, p. 16) também compartilha desse pensamento, colocando que são os desequilíbrios que demandam as acomodações e assim acontecem as transformações.

Essas reflexões devem, porém, não ser superficiais. Devem realmente procurar o cerne do problema e buscar estratégias para modificá-lo e assim melhorar o processo educativo e a aprendizagem dos alunos. Tudo isso, porém, pode ser muito difícil. São habilidades que precisam ser treinadas, principalmente em quem está começando na área da docência. É assim que se constrói o conhecimento, e ele “[...] não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos” (MORIN, 2002, p. 20).

Eu tive dificuldade no início de perceber detalhes e de conseguir sentir para mudar. Com o passar do tempo, percebi que isso não traria resultados e sei que hoje saio da sala de aula sabendo como me sinto, o quanto a aula foi produtiva e significativa para os alunos e o quanto preciso melhorar para a próxima semana. A partir do instante em que diagnostiquei o problema, consigo lidar com ele e resolvê-lo mais facilmente, buscando alternativas diferentes de trabalho e assim alcançando de forma mais produtiva meu objetivo final. Fazendo isso, eu me permiti também ver os progressos dos alunos e o quanto as atividades estão realmente sendo significativas para os mesmos e, como refleti em certo relato, percebi que “[...] as marcas que deixamos neles (os alunos) são as mesmas que eles transmitirão no futuro”.

Exemplifico minha concepção através da minha reflexão do dia 03 de junho, pois eu e minha colega tínhamos tido uma aula bem ruim com os alunos. Nessa aula, eles se mostraram perturbados e desmotivados, estavam muito indispostos para fazer as tarefas e conversaram bastante. Senti-me ali muito incomodada com a situação e fui me questionando o que estava aconte-

cendo e apontando possíveis hipóteses, mas terminei o texto perguntando-me: “[...] o que eu vou fazer para mudar isso?”. São as perguntas que movem o ser humano a buscar respostas, a mostrar para si mesmo que as coisas podem ser diferentes.

Todo professor deve fazer tal tarefa de reflexão, vendo sua aula de cima como se voasse bem alto. Ele precisa perceber que nunca faz uma aula tão boa que não possa ficar melhor ainda; “[...] onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2011, p. 50).

3.3 OS VOOS RASANTES DA AFETIVIDADE

Da mesma forma que o professor se deve permitir sentir, ele também deve perceber o aluno. Deve agora, porém, diversificar os voos rasantes em que consiga analisar os sentimentos do aluno e auxiliá-lo a lidar com os problemas. Os adolescentes precisam muito disso. Precisam de ajuda para lidar com o que acontece com eles, porque não têm clareza do que pode ajudá-los de forma positiva. Mas também deve fazer voos altos para que consiga analisá-lo não só por sua identificação com o discente, mas muito mais por ele como indivíduo independente do professor. Dizia já Alves (2012, p. 46): “Olhar exige distância para ver”.

Para que isso seja possível, o docente precisa descer do seu patamar de autoridade e, como já disse, permitir-se sentir. Não falo aqui de sentir através do tato, mas sim de sentir com o que ouve, vê e percebe no ser humano com quem lida. Eu falava anteriormente de aproximar-se do aluno a tal ponto que ele confie ao professor as suas ideias e produções, que muitas vezes falam por ele. Da mesma forma, ele também precisa estar disposto a amparar o aluno em suas dificuldades e, principalmente, naquelas que estão influenciando em seus resultados. É nesses momentos que o educador “[...] aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2011, p. 111).

No caso do aluno A, que citei anteriormente, o autoritarismo e um discurso não auxiliariam para a melhora de seu rendimento escolar. Optei então por conversar com ele, estabelecer combinados, fazê-lo perceber sozinho que o que estávamos trabalhando era importante para ele.

Muitos outros seres humanos precisam disto: uma conversa reflexiva, mas não impositiva, rude ou abstrata. Necessitam de uma atenção individual, em que possam ouvir, mas também possam ser ouvidos e em que se chegue a um consenso. Morin (2002, p. 29) já trazia que: “Uma ideia ou teoria não deveria ser simplesmente ins-

trumentalizada, nem impor seu veredicto de modo autoritário [...] deve ajudar e orientar estratégias cognitivas que são dirigidas por sujeitos humanos”. Afinal, lidar com seres que sentem e pensam é necessário que utilizem essas capacidades intelectuais.

Da mesma forma, a repreensão individual tem muito mais efeito do que a mesma feita frente a um grupo, essencialmente quando se fala de adolescentes. Aquele indivíduo repreendido pode acabar virando chacota dos colegas, e o professor pode tornar-se um monstro por colocá-lo nessa situação. A repreensão individual frente à situação geralmente permite também o diálogo e a defesa do aluno frente à situação.

Aconteceu-me há poucas semanas um caso nesse sentido. Solicitei ao discente B que fizesse determinada tarefa. Ele, porém, não me deu ouvidos, sentou-se próximo à sua classe e começou a ouvir música com um fone de ouvido. Fui várias vezes conversar com ele, mas não obtive resultado. No final da aula, pedi que permanesse na classe e conversei novamente com ele. O aluno B expôs-se muito irritado comigo por ter chamado sua atenção, alegando simplesmente “não estar afim” de fazer a atividade. Eu, porém, prossegui na conversa até que ele me confessou que seu pai estava doente e ele precisava assumir o negócio da família por um tempo e isso o estava esgotando muito. Escolhi essa situação para mostrar que é necessário ter sensibilidade de perceber que o aluno não “é” assim, que ele “está” assim, e se “está”, tem algum motivo e pode estar precisando de ajuda.

Há momentos, porém, em que a fala não será uma forma de ajudar o aluno, mas uma forma de afastá-lo. Alves (2012, p. 45) já dizia: “É através do tato que o amor se realiza”. Ele passa, às vezes, por situações tão difíceis para ele, que não consegue expor-se ou demora muito tempo para conseguir fazê-lo. Nesses momentos, o educador deve também ser sensível a ponto de perceber que para esses alunos bastam um toque e um olhar no fundo dos olhos. Pode ser só isso que ele precisa. Acontecem inclusive situações em que o docente faz isso sem intenção alguma e acaba ensinando/ajudando sem intencionalidade e o aluno aprendendo/sendo ajudado sem perceber também, como traz Rubem Alves.

Atualmente, não sabemos com que realidades lidamos em sala de aula. Podemos estar trabalhando com alunos que tenham problemas familiares, carência afetiva, sofram maus-tratos ou que simplesmente estão passando por situações difíceis de adaptação à nova fase de sua vida. São principalmente esses alunos que veem no professor um auxílio, talvez não com um envolvimento

direto, mas com contato e conversas diferenciadas possa auxiliá-los até mesmo sem perceber.

O docente não pode pensar, porém, que isso se dá de repente. É necessário chegar aos poucos, expor seus gostos, ideias, sentimentos, para que o discente possa constituir uma identificação e deixe ser conquistado. Um exemplo nítido disso é o gosto de leitura de minha colega. Ela frequentemente carrega um livro consigo, e alguns alunos, vendo isso e reconhecendo os títulos e a história, traçam um diálogo com ela sobre o assunto e acabam por identificar-se. Outro exemplo é o meu gosto por certos jogos de computador, sobre os quais falei com alguns meninos em certa aula. Isso faz com que percebam que somos seres humanos iguais a eles e que podemos sim ter muitos gostos semelhantes aos deles. Isso auxilia no progresso de conquista e principalmente de aprendizagem.

Quando o aluno percebe também que o professor se importa com ele não só dentro da sala de aula em sua disciplina, mas também nos demais momentos que ele vive, há uma maior abertura para com o docente. Por exemplo: houve um dia em que não tive de dar aula porque os alunos tinham interséries, e por isso eu e minha colega fomos dispensadas. Antes, porém, passamos no ginásio para vê-los, assistir a algumas partidas e perguntar como estavam. Relatei em minha reflexão desse dia minha surpresa ao ver a admiração em seus olhos por estarmos lá.

Dessa forma, unindo amor refletido por diálogos e gestos com o rigor das repreensões necessárias que realmente educamos os alunos. Ensinar-los assim a perceber a educação e a sociedade em que vivem de uma forma muito mais humana, com a sensibilidade de compreender que o mundo lá fora é reflexo do que as mãos de cada um de nós fazem. Perceber, portanto, como diz Freire (2011, p. 51), que “[...] quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mentes e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência” e, em meu ponto de vista, eles tornando-se existência dentro e essência de seu próprio mundo.

4 CONCLUSÃO

Retomo agora a pergunta inicial: o que faz com que alunos inicialmente desmotivados comecem a realizar as atividades propostas? A postura do docente e, portanto, o voo que essa águia resolve fazer e o olhar que opta em ter. Nenhum aluno motiva-se sozinho, assim como nenhum método ou tarefa tem resultado sem esforço do professor.

No voo da docência, o professor precisa perceber que sozinho não terá capacidade de fazer com que os alunos aprendam e progridam. Ele precisa que eles queiram fazer isso e sintam-se motivados para tal. Por isso é que o olhar da águia é tão importante. Quando o docente aprende a ver além do que seus olhos mostram, vê a pureza e a beleza da educação. Ele percebe que essa vai além do conteúdo a ser trabalhado, ela entra na vida do ser humano, e a vida do ser humano está totalmente ligada com seus sentimentos e vivências.

Nesse momento, ele saberá que para ter voos de sucesso precisa observar as pessoas com que lida e conhecê-las em primeiro lugar. Em seguida, precisa refletir sobre o que viu, olhar para seu planejamento e pesquisar métodos de trabalho para trabalhar com as potencialidades de cada um e auxiliar nas dificuldades, sem torná-las, para os alunos, maiores do que as capacidades que possuem. Ao atuar, precisa também refletir novamente sobre o andamento das aulas, bem como sobre sua postura para que possa transformá-las em momentos cada vez melhores. Tudo isso precisa ser ligado à afetividade, ao diálogo, ao contato e à conquista dos discentes para que o resultado não seja só momentâneo, mas sim duradouro e, futuramente, reflita também na sociedade.

Dessa forma, qualquer professor poderá sentir o que eu sinto quando olho hoje para os meus alunos: paixão pela área profissional que escolhi, gratificação pelos resultados que estou colhendo e felicidade por ver que alguma diferença consegui fazer na vida desses jo-

vens. Todos os seres humanos deveriam uma vez na vida, pelo menos, sentir o prazer de ver os olhos de adolescentes brilhando de verdade. Esse brilho no olhar de um aluno alimenta muito mais a alma do que o alimento pode alimentar o estômago.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** 9. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2012.
- BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual a relação?. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 11-20.
- COLLARES, Darli. A multiplicação para além da tabuada: uma investigação das operações aditivas e multiplicativas. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 75-88.
- DEMO, Pedro. **O mais importante da educação importante**. São Paulo: Atlas, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. O professor construtivista: um pesquisador em ação. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B. I. (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 43-54.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6 ed. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2002.